

## Jornalismo econômico em revista: Uma análise do discurso e da ideologia presentes nas publicações semanais *Veja* e *Época*

Fabíola Tarapanoff<sup>1</sup>  
Henrique Pavan Beiro de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é analisar a abordagem de duas grandes revistas de circulação semanal a respeito de temas econômicos: *Veja* (Editora Abril) e *Época* (Editora Globo). O intuito é verificar as relações de poder econômico implícitas na mídia impressa brasileira e identificar as possíveis orientações ideológicas na veiculação de artigos e notícias a respeito do cenário econômico. A hipótese é que as duas principais revistas de circulação semanal do país, *Veja* e *Época*, se orientam a partir de seus pressupostos ideológicos, enviesando assim o conteúdo de suas publicações. Logo o artigo procura confirmar, por meio da análise das reportagens das próprias publicações, as tendências político-ideológicas conservadoras e neoliberais que a hipótese levantou.

**Palavras Chave:** 1. Jornalismo Econômico. 2. Ideologia. 3. Análise do discurso. 4. *Veja*. 5. *Época*.

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze the approach of two large-circulation magazines, weekly about economic issues: *Veja* (Editora Abril) and *Época* (Editora Globo). The aim is to check the relations of economic power implicit in Brazilian media and identify the possible ideological orientations in placement of articles and news about the economic outlook. The hypothesis is that the two leading magazines weekly circulation of the country, *Veja* and *Época*, orient themselves from their ideological assumptions, thus skewing the content of their publications. Therefore, the article try to confirm, by the magazine's articles analysis, political and ideological trends conservative and neoliberal hypothesis raised.

**Keywords:** 1. Economical journalism. 2. Ideology. 3. Speech analysis. 4. *Veja*. 5. *Época*.

### 1. Introdução

Repleta de paradoxos e contradições. Assim é a economia, um sistema complexo, como explica Bernardo Kucinski na obra *Jornalismo Econômico* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2000). A economia brasileira é marcada por alguns paradoxos notáveis como o contraste entre a abundância e a indigência, o repetido estrangulamento devido à falta de moeda forte, aceita em pagamentos internacionais e o não acúmulo de capitais necessários a uma industrialização autossustentável. Com o colapso do comunismo na ex-União Soviética, com economia planificada e estatal, consolidou-se em todo mundo a vitória da ideologia neoliberal, que prega a livre concorrência e a disseminação do ideal entre as classes médias de possuir o próprio negócio. E como o jornalismo econômico se posiciona perante essas mudanças presentes na contemporaneidade? Qual discurso e ideologia podem ser identificados nas entrelinhas de suas reportagens e artigos?

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação - Área de Concentração: Processos Midiáticos - Linha de Pesquisa: Comunicação Midiática nas Interações Sociais na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em Comunicação - Área de Concentração: Produtos Midiáticos - Linha de Pesquisa: Jornalismo e Entretenimento pela Faculdade Cásper Líbero (FCL) e pós-graduada em Comunicação Jornalística pela mesma instituição. Atualmente é professora dos cursos de Comunicação Social - Habilitações: Jornalismo e Relações Públicas no FIAM-FAAM Centro Universitário (Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado). E-mail: fabiolapaes@uol.com.br.

<sup>2</sup> Mestre em Economia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Possui pós-graduação (*lato sensu*) em Economia Urbana e Gestão Pública pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Bacharelado/Licenciatura em História pela Universidade de São Paulo (USP). Hoje é professor de Comércio Internacional, Economia e Mercado, Economia Brasileira, Finanças Internacionais e Análise de Risco pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). E-mail: hpbs@globo.com.

O presente artigo procura responder a essas questões, utilizando como metodologia o levantamento de oito edições das principais revistas semanais do país, *Veja* e *Época*, no período de janeiro a abril de 2013. Foram escolhidas edições das revistas pela questão da representatividade, que apresentassem mais reportagens sobre o tema Economia. Foi feita a leitura e a análise crítica de todas as reportagens e artigos envolvendo o assunto “Economia” e de seções “Entrevista” e as colunas de J.R. Guzzo (*Veja*) e de Paulo Guedes (*Época*), presentes nas oito edições de cada publicação.

A análise das reportagens foi feita por uma jornalista e um economista, que buscaram por meio de sua própria formação acadêmica, identificar de forma interdisciplinar a construção de discurso, as possíveis intencionalidades, bem como as possíveis preferências ideológicas das publicações. No final do texto, há ainda um panorama sobre os principais assuntos abordados, bem como os diagnósticos e soluções propostas, com o intuito de identificar as principais vertentes do pensamento econômico que influenciam no debate dos referidos veículos. Antes, no entanto, é preciso compreender melhor o jornalismo econômico brasileiro e como ele constrói seu discurso.

## **2. Jornalismo econômico: um universo à parte**

Complexa, a economia brasileira foi marcada por diversas fases e crises, sendo que a desordem monetária em 1972 no país fez com que ela virasse o tema principal do noticiário, deixando questões políticas em um segundo plano, como diz Bernardo Kucinski na obra *Jornalismo Econômico*. Com seus pacotes antiinflacionários, economistas passaram a dirigir nossos destinos, instituindo um verdadeiro “totalitarismo econômico”, termo de José Luís Fiori. No cenário internacional a globalização diluiu fronteiras entre os países, acirrando a concorrência.

Para Kucinski, com todas essas modificações no panorama mundial, uma grave disfunção afeta o jornalismo econômico. A maior parte de leitores, espectadores, ouvintes e internautas, mesmo quem possui formação acadêmica, não consegue decodificar o noticiário econômico. Para a maior parte do público, o jornalismo econômico traz assuntos elementares, ligados ao dia a dia, como a questão de aumento no preço de alimentos a temas de difícil compreensão, como *hedge* e pagamentos de títulos com títulos da dívida pública. O enorme desafio de traduzir termos complexos em linguagem simples ainda não foi vencido, seja porque os processos econômicos exigem um conhecimento além do saber convencional, seja devido à ideologização crescente.

Devido ao colapso da economia soviética, planificada e estatal, com o fim da ex-URSS, consolidou-se a vitória ideológica do neoliberalismo, que deixa de lado qualquer princípio de solidariedade social em benefício da eficiência econômica em seu grau máximo. Nesse sentido, Kucinski considera que a imprensa foi fundamental para fazer campanha neoliberal na década de 1990 pelo desmonte do Estado que segue a filosofia da social-democracia e que seduz jovens com o ideal de sucesso pessoal. É preciso ser empreendedor, ter um negócio próprio, a grande utopia das classes médias, tema que aparece em várias reportagens analisadas nesse artigo. Dessa forma:

O jornalismo econômico, veículo por excelência de uma nova ideologia, tornou-se o principal agendador do debate político. Assim, a disfunção de sua linguagem talvez tenha uma função ideológica. Um jornalismo que não se propõe a explicar e sim a seduzir. Apesar do predomínio do econômico sobre o político, as hierarquias e as estruturas de produção jornalísticas ainda são remanescentes de quando o jornalismo econômico era apenas uma especialização. O espaço dos

jornalistas dedicados à economia permanece confinado, dificultando a formação de uma nova linguagem, apropriada à apresentação e à análise da questão econômica para um grande público. Na cobertura e na disposição temática, o político continua frequentemente separado do econômico (KUCINSKI, 2000, pp. 14-15).

Além disso, essa disfunção foi acentuada no país devido às deficiências na formação de leitores e jornalistas sobre o tema. Também é pequeno o número de publicações especializadas em relação a outros países. Revistas importantes na época da industrialização nos anos 1950, como *Visão* e *Banas* desapareceram, assim como a revista *Fator*. O espaço foi ocupado por publicações como *Gazeta Mercantil*, *Exame* e *Você S/A*. A criação do jornal *Valor Econômico* contribuiu para que o setor fosse revigorado, assim como portais de conteúdo como *InvestNews*, do grupo *Gazeta Mercantil*. No entanto, devido à forte concorrência do jornal *Valor Econômico*, o tradicional jornal *Gazeta Mercantil* deixou de circular em 2009.

No entanto, houve uma expansão do jornalismo de serviços, que nasceu com o desdobramento do milagre econômico na década de 1970. A alta do petróleo, a greve de operários, a profunda recessão dos anos 1980 e a alta de preços renderam assunto para esse jornalismo, que procura auxiliar o leitor nas questões do cotidiano, principalmente aquele pertencente à classe média, como pagar as prestações da casa própria, a escola dos filhos e entender melhor seus direitos como consumidor. Mesmo reforçando a ideologia de consumismo da classe média, esse jornalismo reposiciona o cidadão como sujeito de sua história. Atualmente os principais jornais do país, como *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, ampliam seus cadernos de economia e noticiários de TV de grandes emissoras como Rede Globo de Televisão, Rede Record e Rede Bandeirantes de Televisão dedicam um grande espaço a questões econômicas, além de trazerem comentários de economistas especializados, como Míriam Leitão e Carlos Alberto Sardenberg.

### **3. Análise de reportagens da revista *Veja***

Considerando as particularidades do jornalismo econômico no país, foram analisadas, oito edições das duas das principais revistas semanais do país: *Veja* e *Época* no período de janeiro a abril de 2013.

Das oito edições analisadas da revista *Veja* no período citado, foram identificados 49 textos (incluindo reportagens, entrevistas e colunas, como de J.R. Guzzo e Maílson da Nóbrega).

Desses textos, 42 apresentaram um ponto de vista neoliberal e a favor do empreendedorismo, destacando histórias de empresários que tiveram sucesso na vida pessoal. Também apresentam de forma marcada a previsão dos economistas e soluções para que ela tenha crescimento em 2013. Trazem ainda fortes críticas ao governo da presidente Dilma Rousseff e escândalos relacionados ao mau uso do dinheiro público.

Em janeiro, duas capas trouxeram temas relacionados a economia: “2013 - Previsões - Economistas e consultores erram tanto quanto cartomantes e videntes... mas um novo tipo de pesquisador pode antever o futuro com maior clareza” (2/1/2013) e “As soluções instantâneas capazes de fazer o Brasil virar um foguete” (9/1/2013). Na primeira edição do ano ganha destaque a grande reportagem sobre as

previsões pra 2013: “Quem prevê melhor”<sup>3</sup>, de Gabriella Carelli, em que são abordados vários assuntos, como política, ciência e economia. É interessante a previsão equivocada de Thomas J. Watson, executivo da IBM em 1943, de que “Haverá um mercado mundial para não mais que cinco computadores”. Hoje há quase 2 bilhões de computadores em todo mundo e eles movimentam a economia como nenhum outro setor. Na reportagem ainda se explica porque a crise financeira foi uma surpresa para grande parte dos economistas. Essa reportagem de forma geral é imparcial, não apresentando viés ideológico.

No entanto, nessa mesma edição há duas reportagens com forte crítica ao governo. A reportagem “Entre o público e o privado”<sup>4</sup>, de Daniel Pereira, que mostra que relatório elaborado por técnicos do próprio governo concluiu que a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), é negligente e omissa em benefício de empresas privadas.

A segunda reportagem, “O Brasil em duas velocidades”, de Marcelo Sakate, apresenta já no subtítulo uma crítica ao governo: “em 2012 ficou claro o contraste entre o bom desempenho de setores menos expostos às intervenções do governo na economia e o ritmo pífio dos mais dependentes dos humores de Brasília”. No trecho abaixo é perceptível esse posicionamento:

O governo, para incentivar a economia, apostou em uma fórmula para dar estímulos a setores específicos e abrir as torneiras do crédito público. A receita funcionou durante a crise de 2008 e 2009, mas agora surte menos efeitos. “O governo não se preocupou em preparar as condições de crescimento para o momento em que a economia desacelerasse”, afirma o economista Alexandre Schwartzman, professor do Insper e ex-diretor do Banco Central. “Medidas que hoje poderiam sustentar a retomada deveriam ser tomadas há três, quatro, cinco anos. Mas não foi o que aconteceu (SAKATE, 2013, pp. 49 e 50).

Na edição de 9 de janeiro, a publicação realizou uma série de entrevistas com economistas e políticos como Armínio Fraga, Edmar Bacha, Sérgio Besserman, Gustavo Franco, Joaquim Falcão e fez uma reportagem especial: “Soluções existem. Basta usá-las”<sup>5</sup>, de Ronaldo França, que mostram soluções radicais e eficientes para acelerar o ritmo da economia do país, colocando-a em outro patamar. Na reportagem são apresentadas soluções de estímulo à economia, como o enunciado de Joaquim Falcão, professor da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre a necessidade de “os governos pagarem em dia”. Se governos de todos os níveis pagassem os precatórios, seriam injetados 92 bilhões na economia brasileira, segundo o especialista. Há ainda a questão do Estado gastar menos com questões sociais, típico do discurso neoliberal. O economista Bacha explica que o governo gasta 20% do produto interno com custos sociais, algo que considera excessivo.

Na reportagem “Como eles gastam o nosso”<sup>6</sup> (30/1/2013), de Giuliano Guandalini e Marcelo Sakate, há críticas principalmente em relação aos impostos excessivos no país e à má administração do governo. É interessante que o jornalismo

---

<sup>3</sup> CARELLI, Gabriella. “Quem prevê melhor.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 2 de janeiro de 2013. n° 2.302. pp. 58-67.

<sup>4</sup> PEREIRA, Daniel. “Entre o público e o privado.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 2 de janeiro de 2013. n° 2.302. pp. 40-42.

<sup>5</sup> FRANÇA, Ronaldo. “Soluções existem. Basta usá-las.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 9 de janeiro de 2013. n° 2.303. pp. 68-79.

<sup>6</sup> GUANDALINI, Giuliano & SAKATE, Marcelo. “Como eles gastam o nosso.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 30 de janeiro de 2013. n° 2.306. pp. 52 a 55.

de serviço aqui se faz presente no gráfico “Produtos e serviços em alta”, que analisam o aumento de cada produto como cerveja e frango ou serviço, como manicure e passagens aéreas.

Esta edição traz uma reportagem que mostra bem a valorização do empreendedorismo e dos jovens que batalham para ficar ricos: “Os CEOs mais jovens do Brasil<sup>7</sup>”, de Ana Luiza Daltro:

Eles se formaram em escolas de primeira linha, se aperfeiçoaram academicamente e chegaram ainda jovens ao cargo de CEO (*chief executive officer*, em inglês, o diretor executivo). Alguns atingiram o topo da hierarquia empresarial antes de completar 40 anos. Para algumas companhias, condenar os executivos promissores a uma ascensão lenta pode desestimulá-los, forçando-os a buscar trabalho na concorrência. Deixar claro a possibilidade de promoções rápidas, guiadas por critérios meritocráticos, também serve de incentivo ao aumento da produtividade (DALTRO, 2013: pp.78-81).

Na edição de fevereiro (13/2/2013), a publicação procura apresentar na “Carta ao Leitor: Sinais de esperança<sup>8</sup>” mostrar que não só critica o governo. Apesar de considerar negativo o governo obrigar a Petrobras a subsidiar o petróleo, que acaba afetando o custo do preço dos combustíveis, elogia o fato de Dilma ter mudado as regras para concessão de estradas e ferrovias, tornando-as mais alinhadas ao mercado e por buscar melhorar os portos brasileiros.

Em março na edição especial sobre a eleição do novo Papa Francisco, destaque para as colunas de Mailson da Nóbrega<sup>9</sup> e J.R. Guzzo<sup>10</sup>, com forte teor crítico ao governo e ao excesso de impostos no país, tema recorrente nas reportagens.

Na edição com o título “À sombra do Papa” (27/3/2013), destaque para a reportagem “Quase deu certo<sup>11</sup>”, de Malu Gaspar e Daniel Pereira sobre o auxílio do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e seus ministros a empresas do grupo do empresário Eike Batista.

Em abril, a edição “Você amanhã” (3/4/2013), reforça o caráter de jornalismo de serviço presente no jornalismo econômico. A reportagem “Nada será como antes<sup>12</sup>”, de Laura Diniz, traz de forma didática como a aprovação no Senado da “Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das Empregadas”, ampliando o direito de domésticas, motoristas e babás, aumentando o salário e limitando o número de horas afeta diretamente o dia a dia das famílias. A revista apresenta ainda 20 perguntas e respostas para esclarecer as dúvidas do leitor.

A última edição analisada, “Dilma pisou no tomate” (17/4/2013), destaca na reportagem de capa “Sim, eu posso...<sup>13</sup>”, de Ana Luiza Daltro e Adriano Ceolin, como

---

<sup>7</sup> DALTRO, Ana Luiza. “Os CEOs mais jovens do Brasil.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 30 de janeiro de 2013. n° 2.306. pp. 78-81.

<sup>8</sup> CARTA AO LEITOR. “Sinais de esperança.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 13 de fevereiro de 2013. n° 2.308. p.11.

<sup>9</sup> NÓBREGA, Mailson. “Ideias não geniais II.” *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 13 de fevereiro de 2013. n° 2.308. p.11.

<sup>10</sup> GUZZO, J.R. “O Brasil da Chibata.” *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 13 de fevereiro de 2013. n° 2.308. p.132.

<sup>11</sup> GASPAR, Malu & PEREIRA, Daniel. “Quase deu certo.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 27 de março de 2013. n° 2.314. pp.54-55.

<sup>12</sup> DINIZ, Laura. “Nada será como antes.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 3 de abril de 2013. n° 2.315. pp.74-81.

<sup>13</sup> DALTRO, Ana Luiza & CEOLIN, Adriano. “Sim, eu posso...” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 17 de abril de 2013. n° 2.317. pp.48-55.

o tomate virou símbolo do desconforto do brasileiro com a volta da inflação, tornando-se tema de diversas charges em jornais e na internet. Há ainda uma comparação entre o governo Dilma e de Margaret Thatcher, ex-primeira ministra britânica, que faleceu na semana em que a edição foi publicada, ressaltando como Thatcher se preocupava em gastar menos do que arrecada, ao contrário do governo brasileiro. A ex-primeira ministra foi tema ainda da reportagem “Uma dama do lado direito da história<sup>14</sup>”, de Duda Teixeira.

#### 4. Análise de reportagens da revista *Época*

Ao todo, foram analisadas 8 edições da revista *Época* entre janeiro e abril de 2013. De um total de 20 reportagens analisadas – aí incluídas entrevistas, artigos, reportagens e editoriais – 15 revelam um ponto de vista mais liberal e pró-mercado ou de caráter firmemente oposicionista à política econômica do governo Dilma.

Os temas mais recorrentes nesse período se relacionam com as perspectivas de desenvolvimento futuro do Brasil, assim como o perigo da inflação, a independência do Banco Central, a legislação trabalhista e as políticas sociais. Há também algum espaço para elucidar questões econômicas de outros países, tais como China, Bolívia e Venezuela. Notamos logo, que os tópicos supracitados são caros ao ideário pró-mercado e por isso o conteúdo das reportagens demonstra – clara ou sutilmente – as visões de mundo da revista. Já para outros assuntos, como denúncias de corrupção em empresas brasileiras ou os problemas de infraestrutura, a abordagem é menos enviesada, mais plural e flexível. Tal constatação vai de acordo ao que afirma Kucinski (1997):

No tratamento de temas não considerados pelo poder como estratégicos, a mídia, talvez até por um mecanismo de compensação, vem se revelando cada vez mais pluralista e crítica. Entre esses temas estão os problemas clássicos do transporte público, violência, drogas, habitação, educação e saúde, e os temas naturalmente polêmicos, como o aborto. Mas é principalmente nas denúncias de corrupção, que toda a mídia latino-americana vem se destacando nas duas últimas décadas, erigindo a reportagem investigativa em um dos gêneros dominantes, apesar do decaimento geral da reportagem. Na denúncia da corrupção a mídia frequentemente assume o papel de condutora do processo, como se deu na derrubada de Collor. Ao mesmo tempo em que normalmente não são estratégicas, pois raramente colocam em risco o modelo econômico e a continuidade do sistema, são denúncias que contribuem para a desmoralização e, portanto, deslegitimação do político (KUCINSKI, 1997, pp. 14-15)

Embora o tema corrupção não entre no escopo do presente artigo, cumpre observar que a corrupção tem sido um tema frequentemente abordado na mídia, principalmente aquela associada aos governos do PT. A suposta preferência política e econômica da mídia pode ser percebida em entrevista concedida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso na edição de 25 de março de 2013. Além de ser o primeiro escolhido de uma série de entrevistas com figuras emblemáticas da política brasileira, a condução da mesma se dá em tom ameno:

---

<sup>14</sup> TEIXEIRA, Duda. “Uma dama do lado direito da história.” In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 2013. 17 de abril de 2013. nº 2.317. pp.56-58.

Há um sentimento mudancista.<sup>15</sup>

Dilma recuperou até a ideia da Idade Média, o lucro justo. Entendo essa reação, o capitalismo é irritante. Quem tem de ser justo não é o mercado, é o Estado.<sup>16</sup>

A base do governo Dilma é o desenvolvimentismo. É crescer o PIB. O meio ambiente atrapalha. A regulação atrapalha. É um pouco a volta do capitalismo selvagem.<sup>17</sup>

Nunca entendi por que o PT precisava de uma base de sustentação tão grande no Congresso. Para não fazer nada? Não precisavam de mensalão. Foi um erro de cálculo.<sup>18</sup>

As críticas à condução da política econômica de avolumam em suas diversas ramificações: política monetária, planejamento, política fiscal, controle inflacionário, entre outros.

Na edição de 25/2/2013, a Seção “Ideias” traz o texto “O Eclipse do Brasil”, a qual em linhas gerais, aponta a deterioração da imagem do país perante os representantes das finanças globais. Cita de imediato, o investidor Mark Mobius: “A ideia do Brasil decolando passou”.<sup>19</sup>

A maioria dos consultados são economistas e cientistas políticos mais ligados ao mercado, tais como Carlos Langoni, Christopher Garman, Armínio Fraga, Helen Joyce e Kenneth Rogoff. Mas há também economistas reconhecidos por seus cargos políticos e acadêmicos, a saber Rubens Ricupero e Antônio Delfim Netto. O ponto central da reportagem é a crítica ao fraco desempenho do PIB brasileiro em comparação com outros países emergentes. Nada é revelado sobre as conquistas sociais, a diminuição da desigualdade de renda, nem se comenta acerca de nossa democracia, por sinal, muito mais aberta e transparente que a de outros BRICS.

O suposto receituário heterodoxo da política econômica do governo seria o grande responsável pela situação de incerteza por parte dos agentes econômicos:

Para reanimar a economia e estimular os investimentos privados, o governo tentou de tudo dentro de seu receituário heterodoxo. Reduziu os juros, cortou tarifas de energia e promoveu desonerações fiscais e trabalhistas para os setores que souberam gritar mais alto em Brasília. Nada disso funcionou.<sup>20</sup>

Na página 59, um quadro traz uma lista dos fatores que travariam o crescimento econômico de acordo com o mercado. São eles: crescimento econômico baixo; carga tributária alta; intervenção crescente do Estado na economia; paralisação das reformas tributária e trabalhista; mudanças frequentes nas regras do jogo; tolerância com alta inflação; interferência na taxa de câmbio; aumento indiscriminado dos gastos públicos; uso de fórmulas heterodoxas nas contas do governo; contenção artificial de tarifas públicas; uso político de agências reguladoras e estatais com ações na Bolsa; adoção de medidas protecionistas; queda do nível de investimento; baixa

---

<sup>15</sup> EVELIN, Guilherme, LIMA, João Gabriel e GUROVITZ, Helio. “Há um sentimento mudancista: Entrevista com Fernando Henrique Cardoso.” In: *Época*. São Paulo: Editora Globo, 2013. 25 de março de 2013. pp. 46 a 50.

<sup>16</sup> Idem, p. 48.

<sup>17</sup> Idem, p. 49.

<sup>18</sup> Idem, p. 50.

<sup>19</sup> FUCS, José. “O Eclipse do Brasil.” In: *Época*. São Paulo: Editora Globo, 2013. 25 de fevereiro de 2013, pp.56-63.

<sup>20</sup> Idem, p. 58.

poupança pública e privada; falta de transparência na concessão de subsídios e isenções fiscais; queda da produtividade industrial.

Com efeito, os problemas supracitados também são abordados em outras matérias do período. A edição de 14 de janeiro traz na Seção “Opinião” um texto alarmante sobre o risco de apagão elétrico no Brasil. As mudanças contratuais realizadas pelo governo teriam trazido instabilidade para o mercado e o risco de paralisia dos investimentos. Além disso, o planejamento não teria sido feito de forma adequada.

Na mesma seção, nas edições de 27 de janeiro e 22 de abril, o leitor se depara, respectivamente, com matérias destacando o risco da inflação e a excessiva intervenção política na independência do Banco Central. Sabemos que, tanto a teoria econômica monetarista, quanto a escola novo-clássica apregoa a independência e a transparência da política monetária como mecanismos importantes para se atingir a estabilidade de preços e a formação correta de expectativas por parte dos agentes. Assim, o Banco Central deve ser um órgão que não responde a pressões políticas e tampouco muda as regras do jogo sem prévio aviso. Dessa forma, a revista critica seriamente a presidente, contrapondo-a inclusive ao ex-presidente Lula:

A presidente Dilma se comporta como se soubesse tudo. Na questão dos juros, ela deveria conter seus arroubos voluntaristas. Toda vez que ela fala sobre o assunto, mina a credibilidade do BC em seu papel condutor das expectativas de inflação (grifo nosso). O ideal seria que o BC, à semelhança de seus similares nas nações desenvolvidas, tivesse, assegurada em lei, independência para exercer seu papel de guardião da moeda. Como o Brasil não amadureceu a esse ponto, o melhor seria que Dilma se mirasse no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula, na prática, deu autonomia ao então presidente do BC, Henrique Meirelles, para tomar as medidas necessárias para controlar a inflação. Os resultados de Lula foram, em todos os indicadores, muito superiores aos obtidos por Dilma até aqui.<sup>21</sup>

A preferência do veículo por vertentes mais ortodoxas da teoria econômica aparece em mais outras passagens que gostaríamos de destacar aqui. Voltando ao texto “O Eclipse do Brasil”, vemos a seguinte crítica, sobre a ênfase do governo em estimular o consumo:

Um dos pilares centrais da teoria econômica reza, contudo, que o investimento advém do aumento da poupança (pública e privada). E o dinheiro que vai para o consumo deixa de ir para a poupança. Historicamente a taxa de poupança é baixa no Brasil.<sup>22</sup>

No Brasil, além da poupança privada ser baixa, o governo gasta quase tudo o que arrecada com o custeio da máquina administrativa. Sobra muito pouco para investir. Isso torna o país mais dependente dos investimentos externos para crescer.<sup>23</sup>

Em primeiro lugar, há economistas que sustentam pontos de vista diferentes acerca da relação entre investimento, consumo e poupança. Para Keynes, é o princípio

---

<sup>21</sup> ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo, 2013. nº 778. p. 10.

<sup>22</sup> FUCS, José. “O Eclipse do Brasil.” In: *Época*. São Paulo: Editora Globo, 2013. 25 de fevereiro de 2013, pp.56-63.

<sup>23</sup> Idem, p. 61.



da demanda efetiva que impulsiona o fluxo de renda na economia, de modo que o investimento seria o propulsor da geração de renda para consumo e poupança.<sup>24</sup> Já para outro grande economista, Schumpeter, o empresário inovador propicia um novo fluxo de renda, ao dinamizar a produção. Não haveria, segundo o autor, necessidade de poupança prévia para o fenômeno do investimento, já que o crédito criado pelos bancos seria o mecanismo financiador da inovação.<sup>25</sup>

É verdade que essa discussão teórica é muito cara à teoria econômica e tem exigido esforços de pesquisa e reflexão de tanto economistas heterodoxos quanto ortodoxos. De fato não é uma questão fechada que possa ser simplificada no escopo deste artigo. Todavia, vale ressaltar a omissão deliberada que a revista faz de uma parte considerável da teoria econômica. Neste sentido, a escolha por algumas escolas de pensamento econômico, a saber aquelas mais ligadas ao pensamento neoclássico, revela matizes e preferências ideológicas por parte do veículo de informação. Trata-se na verdade de um paradoxo do neoliberalismo, como bem afirma Kucinski (2002):

Nunca houve tanta falta de pluralismo na mídia brasileira como nos tempos atuais de hegemonia do neoliberalismo. Trata-se de um paradoxo porque, o neoliberalismo dá grande importância ao que “chama mercado de ideias”, o intercâmbio livre de ideias e propostas controversas, como melhor meio de se chegar às soluções mais justas e eficazes para o conjunto da sociedade. Esse é o nosso **primeiro paradoxo**. Não há mercado de ideias no neoliberalismo brasileiro. No espaço midiático em que deveria acontecer esse processo de intercâmbio de ideias, deu-se no Brasil a uniformização ideológica. Já não há no Brasil nem mesmo diários mais “católicos”, ou mais ‘laicos’, como havia antigamente, ou mais conservadores e menos conservadores, mais nacionalistas e menos nacionalistas. São todos igualmente conservadores e liberais. Não pode haver confronto de ideias se todos os jornais compartilham um **pensamento único**, nas palavras do sociólogo José Luís Fiori (KUCINSKI, 2002, p.46).

A persistência no viés neoliberal fica clara também quando se trata de assuntos relativos à economia internacional. Particularmente quando se compara o desempenho do Brasil com o de alguns vizinhos latino-americanos. Ainda na reportagem “O Eclipse do Brasil”, deparamo-nos com uma concessão ao recente desempenho econômico do Brasil - um dos raros elogios à economia brasileira feitos durante a reportagem – seguida, porém, de uma comparação pouco alvissareira em relação à economia de outros países. Apontam-se os fatores que ainda fazem com que o Brasil seja atraente aos fluxos de investimento estrangeiro direto: o grande mercado consumidor, o fortalecimento da chamada classe C e o ambiente de negócios. No entanto, logo o pessimismo se sobressai:

Seria ingênuo, porém, supor que a opinião dos investidores no setor produtivo não será afetada pela crise de imagem brasileira. Agora, o Brasil passou a enfrentar a concorrência de outros países da América Latina, como México, Peru, Colômbia e Chile. São essas as estrelas em ascensão na região e todos têm uma política de maior austeridade fiscal e estão envolvidos na implementação de reformas na economia. Nesses

---

<sup>24</sup> Keynes, John Maynard. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Atlas, 1982.

<sup>25</sup> Schumpeter, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

países, há também menos intervenção do governo na atividade econômica.<sup>26</sup>

Poderia se indagar se há nesses países um mercado consumidor tão vasto quanto o brasileiro; se as potencialidades no setor agrícola, industrial e de serviços são as mesmas; se há, também, grandes projetos de infraestrutura em curso e se a qualidade da mão-de-obra é igual ou superior à brasileira. São perguntas que poderiam vir à cabeça do leitor. Todavia, a reportagem não as responde; na verdade nem sequer as faz. A omissão quanto ao desempenho econômico recente de países como Equador e Venezuela é também sinalizadora das escolhas ideológicas do periódico.

Outro país que se destaca na América do Sul teve, todavia, um tratamento diferenciado na seção “Opinião” da edição de 4 de fevereiro de 2013. O artigo de título elucidativo “O bolivariano neoliberal”, exalta algumas medidas de política macroeconômica tomadas pelo governo boliviano. Entre elas, destaca-se a emissão bem sucedida de US\$ 500 milhões de títulos da dívida pública do governo; o superávit fiscal de 1,8% do PIB; a manutenção da inflação em patamares aceitáveis (4,5% em 2012) e uma política comercial aberta em relação às importações. Pouco se fala sobre outras medidas, como a nacionalização de empresas, políticas sociais e não se menciona o fato de que a manutenção de contas públicas em equilíbrio não seja atributo somente de políticas neoliberais. Nota-se, portanto, a ausência de informações suficientes para que o leitor possa ter uma percepção melhor da situação econômica e dos padrões de desenvolvimento dos mais distintos países. Há uma simplificação da notícia que, se por um lado, facilita a leitura de assuntos mais espinhosos, por outro responde aos interesses de quem está veiculando a informação:

É preciso mostrar que a banalização e a simplificação da notícia, que causam o fim de uma hierarquia entre assuntos e estão presentes não só no âmbito do jornalismo econômico, podem prejudicar a formação do leitor. Inexiste uma contextualização, os artigos apenas citam acontecimentos, não passam de uma visão do conjunto, sendo que muitas vezes a linguagem complexa utilizada transmite a impressão de profundidade, mas o que de fato está sendo dito não esclarece nem informa  
(JACOBINI, 2009, p. 398).

A mesma desinformação prevalece quando o assunto é a política social do governo Dilma. Na Seção “Opinião”, de 25 de fevereiro de 2013, a reportagem critica o suposto caráter assistencialista presente em políticas públicas como o “Bolsa Família”. Segundo o artigo, o programa pouco faz para assegurar um futuro sustentável às famílias atendidas:

Pode-se celebrar que mais famílias recebam assistência e menos gente sofra diariamente por privações materiais, como falta de comida, água, roupas ou abrigo. Mas, com limites tão baixos, tão pouco ambiciosos e tão enganadores, é um mero truque ilusório definir o Brasil como um país prestes a erradicar a miséria, com uma população de classe média – mesmo que ela seja sem esgoto e sem educação. Aumentar o número de cadastrados no “Bolsa Família” e o valor dos benefícios tampouco nos diz algo sobre o futuro. O governo Dilma exagera na politização do tema e não apresenta uma visão de longo prazo sobre ele. Como evoluirá a capacidade dessas famílias e de suas crianças de, no futuro,

---

<sup>26</sup> FUCS, José. “O Eclipse do Brasil.” In: *Época*. São Paulo: Editora Globo, 2013. 25 de fevereiro de 2013, pp.56-63.

ter mais educação e melhores oportunidades? Só estaremos realmente a caminho de eliminar a pobreza quando o país avançar nessa resposta.<sup>27</sup>

Novamente a revista não oferece um quadro mais completo, contrapondo estudos sobre os efeitos do programa na melhoria de indicadores sociais e econômicos sobre as famílias beneficiárias. Há pouca contraposição de ideias e um empobrecimento do debate mais uma vez. O mesmo ocorre quando, na edição de 1º de abril, a revista comemora a chamada PEC das empregadas domésticas, porém não esconde seu desagravo com a legislação trabalhista:

O problema está na própria Lei Trabalhista brasileira que não se ajusta a uma economia dinâmica e desestimula a geração de novos empregos. É bom que uma parte maior dos 7 milhões de empregados domésticos do Brasil e seus patrões percebam como é difícil trabalhar e contratar formalmente no país. Quando uma família ou empresa contrata um funcionário, os encargos sobre essa admissão podem ultrapassar 100% do valor do salário. Esse dinheiro não vai nem para o patrão nem para o empregado, mas para o governo.<sup>28</sup>

Quais são os prós e os contras da Lei Trabalhista brasileira? Novamente só respostas unilaterais. É sabido que o pensamento neoliberal defende a flexibilização da legislação trabalhista e a revista reforça essa ideia na reportagem. Percebe-se também como o governo é visto: como aquele que retira os impostos da sociedade e não os devolve. Claramente uma simplificação rudimentar de seu papel na sociedade. O problema de tais recortes é que eles prestam um desserviço ao desenvolvimento econômico e social do país. A imprensa deveria ter um papel educativo e de suporte para a economia e a sociedade. Como afirma Jacobini (2009):

O desenvolvimento socioeconômico encontra-se presente nos meios de comunicação. (...) Desenvolvimento é definido como um campo especializado, que exige recursos, conhecimento e técnicas especiais, cujas políticas requerem a colaboração entre especialistas tanto dos países que precisam de ajuda, como dos que os ajudam. A importância da comunicação passa a ser de representar o momento da recuperação, com maior conhecimento dos problemas e possibilidade de comparação e aprendizado com os padrões desenvolvidos.

## 5. Considerações finais

Pode-se inferir, portanto, que os meios de comunicação têm – ou deveriam ter – um papel educativo no que tange ao processo de desenvolvimento econômico de um país. As informações veiculadas podem funcionar como uma bússola para a conscientização da sociedade e para a tomada de decisão dos agentes. Isto porque a capacidade de processar, investigar, aglutinar e filtrar as informações está presente nos meios de comunicação. Logo, a responsabilidade do jornalismo econômico – e das outras áreas do jornalismo – é deveras crucial.

No entanto, se as informações são trabalhadas de modo a reproduzir interesses e visões de certos grupos, temos uma distorção dos fatos, uma manipulação da realidade. Assim, a imprensa já não presta mais seu serviço e se resume a

---

<sup>27</sup> ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo, 2013. n° 770. p. 11.

<sup>28</sup> CISCATI, Rafael & CORONATO, Marcos. “Serviço pela metade.” In: *Época*. São Paulo: Editora Globo, 2013. 1º de abril de 2013. pp. 64-67.

propagandar certos pontos de vista. Moraes (2002), explica por que razão os grupos midiáticos têm, em sua maioria, adotado um discurso pró-neoliberal. Segundo ele:

Os grupos de mídia buscam alcançar os parâmetros de lucratividade que norteiam as ações dos gigantes transnacionais. Não vejo distinção relevante entre filosofias, metas, estruturas operativas e focos mercadológicos. No decorrer da década de 1990, as indústrias de comunicação adequaram-se às linhas-mestras da corporação-rede. Segue-se um figurino multissetorial e integrado, isto é, exploram-se, simultaneamente, ramos conexos, promovendo sinergias capazes de racionalizar custos, conjugar *know how* e economizar na escala. A partir de um planejamento mundializado, confere-se maior liberdade operacional às unidades regionais, preservando, contudo, os vínculos de dependência às diretivas da *holding* (MORAES, 2002, p. 10).

As próprias empresas de comunicação se transformam e procuram se adequar à realidade da globalização neoliberal. Racionalização de custos, fusões, economias de escala, tudo faz parte de sua lógica. São elas que, ao mesmo tempo, se beneficiam da fluidez dos tempos de globalização financeira: como a informação passa a ser cada vez mais importante, as novas tecnologias de comunicação são elementos indispensáveis para se ocupar um lugar nestes tempos. Assim as grandes corporações de mídia adquirem papel central, pois de certa forma monopolizam a informação instantânea e flexível.

Seus interesses, portanto, se coadunam com os ditames da flexibilização das fronteiras, da velocidade dos fluxos financeiros e do imperativo do mercado.

## 6. Referências

### Livros

BLANCHARD, Olivier. **Macroeconomia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. 5ª ed.

KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1982.

KUCINSKI, Bernardo. “Paradoxos do Jornalismo Econômico.” **Revista Adusp**, São Paulo, dezembro de 1997, pp. 13-16.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2003.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

## Artigos

BENETTI, Marcia & HAGEN, Sean. “Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais.” In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. ano VII. nº 1. janeiro a junho de 2010.

CERQUEIRA, Hugo E.A. “O discurso econômico e suas condições de possibilidade.” In: **Síntese**. Belo Horizonte, v.28, n.92, 2001.

DONADONE, Julio Cesar. “Imprensa de negócios, dinâmica social e os gurus gerenciais”. In: **EnEo 2000 - Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 15 a 17 de junho de 2000.

GERZSON, Vera Regina Serezer. “A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal - os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *Isto É*.” 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2007.

JACOBINI, Maria Lúcia de Paiva. “Economia além do Jornalismo Econômico: Uma discussão sobre o tema do desenvolvimento socioeconômico nas revistas *Carta Capital* e *Veja*.” In: **II Seminário LECOTEC de Comunicação e Ciência**. Bauru, 2009. pp. 395-406.

KUCINSKI, Bernardo. “Do discurso da ditadura à ditadura do discurso.” In: **Cadernos Diplô**, p.46-49, 2002.

MORAES, Dênis. “Mídia e Globalização Neoliberal.” **Revista Contracampo**, n. 7, 2002.

VILLALTA, Daniella. “O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira.” Trabalho apresentado no NP02 - Núcleo de Pesquisa Jornalismo no **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Salvador, Bahia, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 4 e 5 de setembro de 2002).

## Reportagens

### Veja

CARELLI, Gabriella. “Quem prevê melhor.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 2 de janeiro de 2013. nº 2.302. pp. 58-67.

CARTA AO LEITOR. “Sinais de esperança.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 13 de fevereiro de 2013. nº 2.308. p.11.

DALTRO, Ana Luiza. “Os CEOs mais jovens do Brasil.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 30 de janeiro de 2013. nº 2.306. pp. 78-81.

DALTRO, Ana Luiza & CEOLIN, Adriano. “Sim, eu posso...” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 17 de abril de 2013. nº 2.317. pp.48-55.

DINIZ, Laura. “Nada será como antes.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 3 de abril de 2013. nº 2.315. pp.74-81.

FRANÇA, Ronaldo. “Soluções existem. Basta usá-las.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 9 de janeiro de 2013. nº 2.303. pp. 68-79.

GASPAR, Malu & PEREIRA, Daniel. “Quase deu certo.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 27 de março de 2013. nº 2.314. pp.54-55.

GUANDALINI, Giuliano & SAKATE, Marcelo. “Como eles gastam o nosso.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 30 de janeiro de 2013. nº 2.306. pp. 52 a 55.

GUZZO, J.R. “O Brasil da Chibata.” **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 13 de fevereiro de 2013. nº 2.308. p.132.

NÓBREGA, Mailson. “Ideias não geniais II.” **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 13 de fevereiro de 2013. nº 2.308. p.11.

PEREIRA, Daniel. “Entre o público e o privado.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 2 de janeiro de 2013. nº 2.302. pp. 40-42.

SAKATE, Marcelo. “O Brasil em duas velocidades” (páginas 48 a 51), de Marcelo Sakate. In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 2 de janeiro de 2013. nº 2.302. pp. 48-51.

TEIXEIRA, Duda. “Uma dama do lado direito da história.” In: **Veja**. São Paulo: Editora Abril, 2013. 17 de abril de 2013. nº 2.317. pp.56-58.

## **Época**

CISCATI, Rafael & CORONATO, Marcos. “Serviço pela metade.” In: **Época**. São Paulo: Editora Globo, 2013. 1º de abril de 2013. pp. 64-67.

**ÉPOCA**. São Paulo: Editora Globo, 2013. nº 770. p. 11.

**ÉPOCA**. São Paulo: Editora Globo, 2013. nº 778. p. 10.

EVELIN, Guilherme, LIMA, João Gabriel e GUROVITZ, Helio. “Há um sentimento mudancista: Entrevista com Fernando Henrique Cardoso.” In: **Época**. São Paulo: Editora Globo, 2013. 25 de março de 2013. pp. 46 a 50.

FUCS, José. “O Eclipse do Brasil.” In: **Época**. São Paulo: Editora Globo, 2013. 25 de fevereiro de 2013, pp.56-63.

Recebido para publicação em 17-07-13; aceito em 15-08-13